

Sombras De Noite

Alexandra Malheiro



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

*Ao meu Pai,
poema meu por vinte e três anos.*

Vida Real

Como é linda a noite nos teus olhos,
quando danças para mim em luas outonais,
quando tudo em teu olhar são poesias
e embalas a noite na luz dos meus dias...

Dizes-me que a vida é o que vem nos jornais
e eu que vida por vida então queria mais,
muito mais!

Tu que nada disso – são jogos virtuais,
os de sedução – perigosos mas banais
e eu triste de saber apenas das coisas reais.

Alma Nua

Entrego o meu corpo deserto
e a alma que nele vai nua,
entrego o meu corpo todo
e a alma toda, toda tua.

Entrelaça-me em olhares,
queria olhar bem o teu,
que o olhar de entrelaçar
sobrevém sempre ao meu.

Entrego-me em teu poder,
corpo, alma, alma nua,
entrego-me, deixo-me ir
nua toda, toda tua.

Deixa-me

Deixa-me dizer-te,
como a um poema,
deixa-me dizer-te
gritar-te alto,
dizer voz alta o teu nome,
que ao dizer-te
te sinto perto
mesmo quando de mim estás longe.

Deixa-me tocar-te,
como a um piano,
deixa-me tocar-te,
tocar-te alto,
tocar-te a ti e sentir-te,
que ao tocar assim,
teu corpo,te sinto dentro de mim.

Ama-me!

Os meus olhos,
nos teus olhos,
perdidos, como sempre...
Como um corpo nu
que se oferece aos carinhos das tuas mãos
de poeta dos sentidos...

Eu imóvel,
tu inquieto por mim,
as mãos por toda a parte...
Em mim apenas o suor
das pontas dos teus dedos
delirantes no meu corpo.

Eu imóvel,
eu só, eu só sentido...
Eu sem sentido –
sentido proibido!

Prazer,
sem prazer,
sem te ter,
sem ver...

Eu só,
eu imóvel,
enquanto te deixo deslizar por mim,
como uma nuvem,
como um anjo,
como um demónio...Ama-me!

O Cheiro

Não sei se foi pelo cheiro,
do perfume que trazias,
nem sei se o cheiro existia
ou se és tu que me inebrias.
Só sei que no céu cinzento
a luz do sol me sorriu
e o corpo, lânguido e lento,
quis partir e assim fugiu
lá para onde a razão
tem muito pouco a dizer,
perdido, fora de mão,
todo ébrio de prazer.
Fez-se em anjo de paixão
ao cobrir-se de ternuras,
dançando, esguio, no chão, esquecendo-se das
agruras.

Lugares De Melodia

A rua,
a janela,
a porta,
os sítios para onde fujo
quando já não quero ser,
os sítios onde me recolho,
já sem nada, já sem saber...

Tu eras a música que eu ouvia,
a minha única e interminável melodia,
eu era o sonho que te acompanhava,
e eu sem ti..., não sonhava!

Tu eras a força do meu silêncio,
e eu a ressaca dos teus dias,
eu, de novo, a arder no fogo denso e tu, de
novo, feito melodias...

Sentir-te

Gostava de sentir-te,
lá onde a minha pele acaba
e se cruza com a tua,
onde os nossos corpos se misturam,
onde tu és eu e eu sou tu,
onde já não há eu nem tu,
mas um só corpo,
um só suor,
uma só pele,
um só ardor,
em ti, em mim,
quente e fiel.

A Cor Dos Olhos

Como fazes
para seres assim,
poema a tempo inteiro?
Como fazes
para seres o fim
sendo o primeiro?

Diz-me
que cor são teus olhos
quando te afastas de mim.
Diz-me
o sabor dos molhos que te adoçam assim.

Vem Ser A Chuva

Sê a chuva que faz o vidro molhado,
cai tu também, sobre a montra,
deste café vazio.

Sê um acorde perdido,
do meu fado,
sê tu mesmo o próprio frio,
a pedir que vá na direcção do estio.

Deixa-te ficar por cá,
os teus olhos em pousio,
a perderem-se no meu deserto
por arar..., assim baldio.
Vem ser a chuva, que me traz de novo a
vida...



Teu Porto

Queria ser o porto
onde aportas esse teu barco cansado,
saciar o teu desejo,
ser um anjo do pecado,
ser um raio de loucura,
ser o teu luar perfeito,
ser uma ave insegura,
repousando no teu peito.

Trocar de suores contigo,
provamos do sal dos dois,
entregar-me nos teus braços, para te ver partir
depois...

Poema A Um Olhar Perdido

Acedemos finalmente a conversar,
sem trevas no olhar
deixamos subentendido.

E assim nos sentamos lado a lado,
tu a olhares o horizonte
e a eu a fingir que te olhava
e que ao te olhar te conhecia
mas não, eu nem te via!
Engendrada que estava nas palavras
a inventar,
nas palavras que tinha para te dizer
mas que não disse!
Naquilo que inventei, absorta,
na inquietude de não perder a tua atenção
e afinal...

Os teus olhos perdidos tão longe
que eu nem cheguei a saber
se me olhaste por algum momento,
e os meus olhos tinham tanto para te dizer...,
bem mais que as palavras que inventei só para
te poder ver...



O Que Disseste

Quando me falaste
eu já nem te ouvia,
os meus olhos eram pedras,
safiras, talvez, mas pedras,
o meu coração não se abriu,
e tu olhaste-me e disseste...

Não, não sei o que disseste,
não te quis ouvir naquela hora,
não quis sentir nada,
não quis nem ser amada,
mas agora...
Disseste olha vou-me embora! E eu sem
perceber porque vieste...



Perdido

Deixas-te perder
no acaso dos dias,
perdes-te nas mãos
que são doces mas frias.
Deixas-te levar,
pelo sabor do vento,
breve no olhar
que levas, sedento.

Eu toco-te,
por pouco, muito pouco,
de raspão,
um leve toque de pele
num voo louco
do gavião.

Depois solto-te,
não me pertences...
Liberto-te porque sei
que és vela, luar, maré,
na força com que me vences,
deserta, só e sem lei,
peregrina mas... sem fé!

Asas

Nem paz,
nem silêncio,
nem som,
nem palavras.
Agora tudo são asas,
as que perco
sem saber voar,
as que me deixas
mas sem me ensinar
como as usar.

Fingimento

Deixa-me enrolar
na planície dos teus braços,
deixa-me fingir que és meu
sabendo que não o és...
Porque meu é só o sonho
e o silêncio de te ter,
porque é no escuro
que todas as mentiras
se fazem verdade,
que todos os sonhos
se transformam em silêncios,
e no silêncio tudo o que acreditares
é!

No fundo escuro
do meu quarto,
vejo o escuro fundo
da alma,
alma silenciosa e triste,
por saber que tudo dói,
tudo é efémero
e pouco,
sempre muito pouco
quando tudo acaba.

Voos

Voou,
como o pássaro que era,
abriram-lhe as asas
e assim se soltou,
um acenar de primavera
a roçar-me o corpo mole,
que se consome em brasas,
anda,
vem ser tu o meu lençol.
Vem ser a chama que me aquece,
vem ser a alma que não esquece,
o céu de cor azul
que eu deixei perder,
o véu de fino tule,
ávido de te envolver.



Perco-te

Perco-te,
porque me foges entre os dedos,
como a água que dos olhos me corre.
Perco-te,
porque são teus os meus segredos
e a minha alma que em ti morre.

Perco-te,
porque já não sei que mil degredos
me esperam, se a tua mão não me acode.

Espera-me,
deixa-te ficar aí para eu te tocar,
que o sonho e a ilusão hão-de tornar a mim.

Espera-me,
até o sol se pôr e o dia se acabar,
que até a solidão e o medo hão-de ter um fim.

Perco-te,
porque te deixo escapar assim,
enquanto te afago apenas com o olhar.

Perco-te,
porque és ave presa neste folhetim
e eu tenho de te deixar voar.

As Asas Que Me Deste

Deste-me asas
e eu voei,
para lá do teu olhar,
foste tu que me fizeste
ave livre a despertar!

Deste-me um céu de sorriso,
entre as nuvens de loucura,
por ti perdi o juízo
mergulhando na aventura.

Perdi-me em passos de dança,
sonhei-te,
deste-me esperança,
desejei corpos em transe,
possuir-te num relance.

Trocamos suores os dois,
para nos perdermos depois
entre uma nuvem desperta.
Desfiz-te a cama deserta
e assim ficamos os dois,
tu dando-me a alma incerta
e eu a minha mão aberta...



Como?

Porque é que o sonho me persegue?
e estas palavras... o que são?
que fazem elas em mim
e eu que faço com elas?

Como lhes posso eu escapar,
como posso eu derrubar estas barreiras,
que me prendem
e não me deixam voar?

Porque é que o sonho se instalou em mim?
E como..., ai como
posso eu mata-lo,
esmaga-lo,
fazê-lo ir-se embora?
Dizer-lhe que já não posso embala-lo
nem mais um segundo no meu peito?
Dizer-lhe que já não quero guarda-lo que não
quero mais sonhos presos no meu leito?



Hoje

Hoje acordo de um sonho ressacado
tomado nos meus braços
como um filho meu
e, afinal, apenas um resto de passado,
umas sombras de uns abraços
e um céu que escureceu.

Hoje nem a alma se sorri para mim,
porque não há em mim sorriso,
nem sorrisos me estão a apetecer.
Hoje só a névoa longa, um cheiro a fim,
uma enevoadada imagem de um paraíso,
uma vontade esquiva de te esquecer,
sem te perder nem perceber...

Hoje visto-me da negra luz,
hoje suspeito que já não sinto,
caio de ti como da árvore a folha,
hoje já não és tu quem me seduz,
hoje há um planalto que me olha,
há um sonho a provocar-me mas que eu finto!



A Voz

Sentir o mar
entre os teus dedos
a marulhar
sobre os meus medos,
a tua voz a melar-me
os sentidos,
a adocicar-me
por dentro,
a molhar-me os ouvidos.

E por momentos...
achei que eras língua
todo tu,
a lambar-me por dentro
o corpo nu.

Apenas voz,
apenas vento,
apenas tu...
Eu, tu, nós,
sós no momento
em que a tua voz
eras todo tu.



O Pintor

Dobrou-se no feno dos amores,
despejou a alma,
as dores,
deixou-se em rumo lento,
em longa calma,
sobraram-lhe as tintas e as cores...

Pintou na tela
o orgasmo que sentia,
pintou-se nela,
tudo o que o movia.
Depois lava o pincel
na água fria,
prova do mar, do mel
e da poesia.
E a seguir dorme na areia,
sozinho, nu, praia vazia.
Tu tão perdido...
Eu tão fria.



O Contrabaixo

Já se sentia
a harpejar a primavera
e ao longe um violoncelo...
Não! Não era um violoncelo,
era um contrabaixo,
tocado com arco - doce e belo...

Ao longe o contrabaixo...

Já cheira a Verão
e a terra acabada de estrumar
e a pássaros, a velas,
cheira a vida
e a coisas que se perdem
como o mar...

E eu fiquei a ouvir o contrabaixo,
agora num suave dedilhar,
deixando-me a perder
só, neste ensejo,
que fica entre o ter-te
e o não te ter.

Fiquei de pé,
a ouvir o contrabaixo,
o mesmo que me fez assim perder,
de pé,
como um perfume, um desejo...,
de pé,
até ele me ensurdecer...

A Noite

Chamo-lhe noite
porque o cinzento,
em que a minha pele
se encontra com a tua pele,
se funde em ti
como se fundem os sonhos,
é cinzenta escura e longa,
longa em mim,
como uma noite...

Carta A Um Amigo

(em dia de dor e lágrimas)

Pudesse eu secar-te as lágrimas, amigo,
pudesse eu ser a tua panaceia,
sossegar-te o peito,
livrar-te do perigo,
adoçar-te o sonho,
ser tua sereia.

Pudesse eu mitigar-te a dor,
fazer-te voar com asas de cetim,
pintar-te o cinzento de uma outra cor,
abraçar-te, amar-te,
colar-te a mim,
enlaçar-te num abraço
desses que não têm fim
e que ao soltar-te fosses
tu mesmo um querubim.

Pudesse eu, amigo, livrar-te dos medos,
esses todos que no perigo
me disseste em mil segredos.
Pudesse eu, amigo, servir-te de guia,
pudesse eu, amigo, e sê-lo-ia.



Adeus Amigos...

(Ao João Geraldes Freire – homenagem póstuma)

Lembro-me de ti
como um olhar na planície,
lembro-me de palavras que dizias,
coisas soltas, suaves ironias,
nada de longas poesias.
Lembro-me do sol que nos aquecia,
ou da chuva mole que nos distraía.
Lembro-me do olhar mortíço
e a tristeza que nele ia,
um sorriso de postíço,
feito pequena alegria.
Agora quando te penso
vejo um estremecer de céu,
vejo sangue, fumo denso
e uma lágrima que desceu.
Mais um anjo já perdido,
consumindo-se na dor,
mais um astro distraído,
uma asa de condor.

Agora

(Ao Pedro, em 11 de Junho de 2001)

Começa agora a hora
da reminiscência,
dos olhares parados
no final do tempo,
das longas pausas
feitas da ausência,
das músicas tocadas
em compasso lento.

Começa agora a hora
do sentir saudade,
a hora da memória
solta em liberdade,
dos céus cinzentos
pintados de sobriedade
e dos teus olhos, vagos,
perdidos na cidade.

Agora que a alma
se separa do corpo usado,
que os sonhos se desfazem
como sombras do passado,
que se apagam os olhares
sem lugar para o pecado.

Agora,
deixa que as lágrimas se enrolem
no curvar dos dias,
agora,
deixa que os sonhos sejam
as sombras vazias.



A Chuva

A chuva
cai sempre miudinha
quando a morte se faz à rua,
a chuva
é sempre vizinha
quando a dor vem
e se insinua,
cai sempre lenta,
certinha,
a avançar na terra nua,
cai sempre,
qual lágrima minha,
molhando a face da lua.

Poema Morto

Repara como as árvores mortas
se surpreendem ainda pelo vento,
repara como as suas folhas decrépitas
ainda se movem por ele.
Assim sou eu, já sem luz,
mas a sentir ainda o vento
a marulhar-me as folhas,
assim sou eu, inerte,
mas a sentir por mim frémios de vida...

Repara como as almas se ajeitam,
encolhidas e enroladas nos seus nichos,
repara como eu me altero,
entre hipérboles de palavras
que deixo perdidas e...
sem rima...

Vê como é tão difícil sorver
do dia a luz completa
e bebê-la, enfiada que está
no seu canto, resguardada,
vê como, a pouco e pouco,
eu me deixo perder entre os teus dedos
e os dedos são já apenas fumo
longo e lento por mim
como a brevidade
de um poema já dito...



No Dia Em Que O Mar Fui Eu

No suave murmurar da falésia,
deixei que o mar fosse eu
e tudo, enfim, me doeu.
Perdeu-se no meu olhar,
esqueceu-se no seu vogar,
fui maré negra e vazia,
fui maremoto, maresia,
deixei-me afogar no céu,
nas rochas, no escuro breu.
Fui momento de poesia,
música sem melodia,
golpe de asa, fantasia,
e tudo, enfim, me doeu,
no dia em que o mar fui eu



Divagações

I

Sonho com um luar
onde houvesse ainda anjos displicentes
que se deixassem afogar
em velhas mágoas.
Sonho um sol
de fúrias quentes,
onde o empréstimo dos dias
se soltasse na loucura...

II

Chove.
Nem posso acreditar
como chove a minha cidade,
chove em mim
e chove sobre todos...
nem posso acreditar
o quanto chove esta cidade...
Se ao menos chovesse anjos,
ou estrelas,
ou almas...
Mas nada.
Nada mais que a fria chuva
que me molha
e que molha a minha cidade
em que chove, chove, chove.
Nem posso acreditar
o quanto a minha cidade chove...

III

Hoje dei por mim
a escrever desesperadamente.
A escrever sobre os carros e as pessoas,
sobre as ruas,
sobre as cores,
até sobre ti -



que foste apenas
mais um café
tomado entre a pressa dos sabores.
Poema de um dia em que acordei a gostar de
mim

Hoje sou pelos artistas,
os poetas, os pintores,
os que sonham com a alma toda,
e a alma toda se desfaz em flores.

Hoje acordei,
os olhos no céu
a transformarem-se na cor dele.

Hoje acordei
para o sonho
da Primavera a florir-me nos braços nus.

Hoje despertei
para as nuvens pequeninas
a desfazerem-se em sois outonais.

Logo hoje,
que tinha adormecido
ao som da chuva
a esmagar-se no vidro fosco do meu quarto.

Hoje sou pelos artistas,
os poetas, os pintores,
os que sonham com a alma toda,
a alma toda sacudindo as dores.

Hoje acordei
sem a sombra pálida
da cruz dos dias,
hoje foi dia de sonhar nua
sem guerras, sem sentidos frios,
nua,



a olhar no espelho
a redondez dos seios firmes,
as curvas ainda vivas,
o sexo das fontes, perdidas
entre as montanhas elas também despidas.

Hoje eu também serei como
os artistas, os poetas, os pintores,
os que sonham com a alma toda,
alma de todas as cores!



Sou

Eu sou o arco,
a flecha,
sou de ouro,
sou pepita,
sou a água que goteja
na tua boca aflita.
Sou um anjo
ou talvez
demónio de insensatez,
sou quem te deita no chão,
sem um pingo de altivez,
sou o sol que se insinua
e te muda a cor à tez,
sou um pedaço de lua,
sou tudo aquilo que vês.

Se Fosse Noite

Se fosse noite
talvez eu fosse uma estrela,
talvez te brilhasse no caminho,
talvez te ajudasse a ver o trilho,
a cor de todas a mais bela,
a textura do teu corpo de linho,
talvez te amasse num campo de milho,
talvez...,
se fosse noite...

Mas não é!

Os Sons

O segredo dos sons
perdidos entre os teus lábios,
como cores de mil tons
no vogar dos olhares sábios.

Anda,
deixa-me entrar
nesse pedaço de silêncio
onde te escondes p'ra voar!

O Silêncio

O silêncio é a sombra
em que me escondo,
em que despejo a minha dor
como um lamento,
a saudade é a penumbra
em que me encontro,
e o desejo a cor
em que me ausento.



Partilha

Trocamos olhares
como se trocam poemas
e os poemas entrelaçam-se
como se cruzam os olhares,
como se sentem os dedos
nos dedos,
como se sentem os lábios
nos lábios e o suor...
e o sangue
e até as lágrimas
que, furtivas, nos lambem,
ardendo-nos na face,
por as querermos esconder...

Tudo

Não há sítio nenhum
que seja impune no teu corpo,
como as cores que se perdem
na distância de um olhar.
Não há lugar nenhum do teu corpo
em que eu te sinta morto,
como tudo em ti me diz
que és um longo caminhar.

Tudo como corpos nus,
tudo como anjos sem sexo,
tudo como se um fado, uma cruz,
nos devolvesse à vida o nexo.

Não há nada de ti
que não seja meu também,
porque teu ou nosso é palavra vã,
porque nada em ti é terra de ninguém,
porque tu és todo corpo
e em ti uma alma pagã.

Tudo como um céu cinzento,
tudo como o granito da cidade,
tudo como este poema que invento,
tudo como o teu cheiro... a liberdade!



Solilóquio

Acordo,
abrindo os olhos para a bruma
que se despedaça no horizonte azul,
ouvindo o áspero mar
que se roça nas rochas nuas
e sedentas do seu calor.
quem me dera ser rocha e ser tocada por ele!

Olho o mar,
é lindo o sol que se esconde
por trás dele,
e lindos são os meus olhos,
que o seguem.

Dispo a alma do meu corpo
e entrego-me ao mar revolto –
antes assim!

O sol há-de acompanhar-me,
hei-de seguir o seu rasto,
dormir no seu leito quente, naufragar com
ele...

Ah, perder pode ser ganhar,
o difícil é encontrar o caminho!...

Quantos

Quantos os olhos que nos vêm por dentro?
Quantos os ventos que nos afagam os cabelos?
Quantos abraços perdidos no vento,
e quantos sonhos perdidos entre os abraços?

Quantos anjos te voam à passagem?
Quantos céus se fazem movimento?
Quantos sois se põem na paisagem?
Quantos beijos perdidos num momento?

ÍNDICE

Vida real.....	4
Alma nua.....	5
Deixa-me.....	6
Ama-me!.....	7
O cheiro.....	8
Lugares de melodia.....	9
Sentir-te.....	10
A cor dos olhos.....	11
Vem ser a chuva.....	12
Teu porto.....	13
Poema a um olhar perdido.....	14
O que disseste.....	15
Perdido.....	16
Asas.....	17
Fingimento.....	18
Voos.....	19
Perco-te.....	20
As asas que me deste.....	21
Como?.....	22
Hoje.....	23
A voz.....	24
O pintor.....	25
O contrabaixo.....	26
A noite.....	27
Carta a um amigo (em dia de dor e lágrimas)....	28
Adeus amigo.....	29
Agora.....	30
A chuva.....	31
Poema morto.....	32
No dia em que o mar fui eu.....	33
Divagações.....	34
Poema de um dia em que acordei a gostar de mim.....	35
Sou.....	36
Se fosse de noite.....	37
Os sons.....	38
O silêncio.....	39
Partilha.....	40
Tudo	41
Solilóquio.....	42



Quantos?.....43

Colecção

digit@lmente

Título: **SOMBRAS DE NOITE**
Autor: **ALEXANDRA MALHEIRO**

Edição em Formato Livro: **2002**
Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Colecção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997